

## RESENHA

### RESENHA DE *TERMOS DA POLÍTICA*, DE ROBERTO ESPOSITO<sup>1</sup>

Roan Costa Cordeiro<sup>2</sup>

Em *Termos da política* (*Termini della politica*), apresenta-se ao leitor um percurso por temas e conceitos que caracterizam o pensamento do filósofo italiano Roberto Esposito. Nascido em 1950, em Piano di Sorrento, e hoje docente da *Scuola Normale Superiore di Pisa*, sua produção intelectual intensificou-se a partir do final dos anos 1990 e 2000 naquela que tem sido sua principal área de investigações, a saber, o pensamento político. Sem descurar das implicações mais amplas do pensamento filosófico, sua obra tem sido traduzida e lida principalmente nos Estados Unidos, na Europa e na Argentina, notabilizando-se com *Communitas* (1998), *Immunitas* (2002) e *Bíos* (2004), obras que tratam de enfrentar as categorias-chave da política entre as transmissões da tradição e as rupturas do presente.

Na condição de categorias-chave, comunidade, imunidade e biopolítica são tanto *termos* quanto *limites* da política: na palavra *termini* – literalmente, “termos” – ressoam, como em português, as ideias de “término”, “limite” e “marco” ao lado daquelas de “palavra” e “expressão”. Assim, trata-se de percorrer *conceitos-limite* da política ao longo dos onze ensaios que compõem *Termos da política*, que pode servir como convite ao pensamento e à obra de Roberto Esposito. Agora, por ocasião de frutíferas traduções de sua obra para o português, é chegada a hora de apresentar algumas linhas de fuga de suas ideias, abrindo caminho para que se possa pensá-las à luz – e à sombra – dos desafios que enfrentamos abaixo do Equador.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Resenha do livro de ESPOSITO, Roberto. *Termos da política*: comunidade, imunidade, biopolítica. Introdução de Timothy Campbell. Tradução de Angela Couto Machado Fonseca, João Paulo Arrozi, Luiz Ernani Fritoli e Ricardo Marcelo Fonseca. Curitiba: Ed. UFPR, 2017, 216p.

<sup>2</sup> Doutorando em filosofia pela UFPR. E-mail: roan.costa@gmail.com

<sup>3</sup> Além desta tradução ora resenhada, encontramos outras obras de Esposito em português, segundo a ordem de publicação até o momento: *O pensamento vivo*: origem e atualidade da filosofia italiana. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013; *As pessoas e as coisas*. Tradução de Andrea Santurbano e Patricia Peterle. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016; *Bíos*: biopolítica e filosofia. Tradução de Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017; *Categorias do impolítico*. Tradução de Davi Pessoa, Belo Horizonte: Autêntica Editora (no prelo).

## INTRODUÇÃO

A edição que ora apresento conta com um ensaio introdutório ao pensamento de Roberto Esposito realizado pelo pesquisador estadunidense Timothy Campbell.<sup>4</sup> Mobilizando as categorias que organizam a obra em três grandes linhas conceituais (comunidade, imunidade e biopolítica), Campbell as utiliza para expor o lugar específico do pensamento que as orienta na filosofia contemporânea.

No contexto geofilosófico italiano, seguindo o enfoque de Campbell, a obra de Esposito responderia a uma tendência contemporânea de pensar a política em termos da ideia de biopolítica. Se outros autores respondem a esse apelo, como Giorgio Agamben e Antonio Negri, Esposito dedica-lhe atenção a partir do que constata ser uma carência de efetiva genealogia do conceito base. Intentando responder às questões “de onde a biopolítica se origina e o que quer dizer fundir os temas do *bíos* e da política em um único vocábulo”, o filósofo italiano retoma o legado genealógico de Michel Foucault enquanto “investigação problemática das raízes”.<sup>5</sup> Dedicar-se não tanto, com isso, à história do conceito quanto a uma “semântica histórica dos termos”, situando sua própria intenção no sentido de uma “perspectiva de desconstrução da política moderna”.<sup>6</sup>

A partir da apresentação de Campbell, creio que seja necessário insistir sobre a diferença de Esposito nesse contexto italiano, principalmente diante de dois “polos” segundo os quais se tem pensado a comunidade e a biopolítica: um, em que prevalece a crítica da negatividade e no qual se destaca o nome de Giorgio Agamben; outro, marcado pelas delimitações de Antonio Negri e Michael Hardt. Diante disso, se a crítica a Agamben pode ser feita em termos de déficit da própria força de inteligibilidade de seus conceitos para a constituição de um efetivo acesso ao presente, que se esvairia num movimento de investigação arqueológica perpetuador de alguma *arkhé* ignota e inaudita – no que Esposito seria genealogista mais feliz em seu encargo –, a endereçada a Negri e Hardt faz-se em termos de um excesso “multitudinal” de positividade. Enquanto, de fato, a abordagem da biopolítica permite aproximá-los, o que os diferencia é o modo de condução aos problemas por ela suscitados, principalmente quando se leva em conta o dispositivo que teria tornado operacional, segundo a genealogia de Esposito, uma biopolítica em termos negativos, a saber, o paradigma da imunidade e o dispositivo da imunização.

É com base no conceito de imunidade que Esposito pretende deslocar a biopolítica de seus excessos e faltas positivos e negativos, cabendo ressaltar esse movimento como articulação conceitual que tenta compreender os mecanismos biopolíticos segundo um diagnóstico específico da modernidade e, ao mesmo tempo, constituir uma visão afirmativa apropriada das práticas e conceitos em jogo. Tratar-se-ia de fazer a passagem da compreensão da biopolítica como política *sobre* a vida para uma política *da* vida, buscando-se, para isso, estratégias capazes de desconectar o processo de imunização das intervenções sobre o *corpo*, que assim apareceria como *presuposto* e como *outro* da política. Contrapondo-se às filosofias negativas, mas sem abrir mão de uma investigação de fundo

---

<sup>4</sup> CAMPBELL, Timothy, “Política, imunidade, vida. O pensamento de Roberto Esposito no debate contemporâneo”, In: ESPOSITO, Roberto, *Termos da política*, pp. 13-66.

<sup>5</sup> CAMPBELL, “Política, imunidade, vida”, pp. 13-14.

<sup>6</sup> CAMPBELL, “Política, imunidade, vida”, p. 14.

sobre a negatividade e suas insinuações categoriais na política, “Esposito parece considerar que um novo regime biopolítico possa se abrir somente quando uma particular filosofia da vida começar a emergir das dobras de uma ontologia da morte”.<sup>7</sup> A tarefa do pensamento político e da filosofia que dele se acerca não encontraria aqui um respiro metafísico; antes, pode encadear suas perguntas fundamentais sobre as condições que confluíram no presente e, com isso, efetivar uma abordagem genealógica.

## COMUNIDADE

A primeira parte de *Termos da política* privilegia a comunidade como eixo de investigação. No pensamento político de Esposito, tal conceito aparece como lugar dos cruzamentos entre política e vida, entre plural e singular. Nesta obra, em particular, compõe-se uma retomada e releitura críticas da história da filosofia política, o que requer atenção do leitor, dada a peculiaridade das interpretações propostas.

A partir de uma reflexão etimológica sobre a comunidade como composição de *cum* (“relação”) e *munus* (“lei”, “tarefa”, “*dom* [dono] a fazer, e não a receber”, ou ainda, segundo o direito romano, “obrigação”), o retorno genealógico expõe a noção de *munus* como definidora da relação entre os membros de uma comunidade. Assim, o comum da comunidade é a relação (o *cum*) pelo *munus*, no qual se encontra o elemento regulador do pertencimento ao conjunto; integra-se a comunidade quando se está em *relação com* um *munus*. Opera-se aqui um deslocamento do enfoque usual na tradição do pensamento político, pois é a própria ideia de relação em sua efetividade que adquire relevo e aparece como o que tem de ser pensado, ao invés de simplesmente ser considerada como forma que uniria *ao redor de algo*. O elemento articulador de uma comunidade não é um “algo” que possa ser positivado, como a tradição política tenderia a afirmar (a capacidade de linguagem, a busca do bem-comum diante do medo da morte, a vontade comum, a ideia de um povo, o conjunto das aspirações de vida, etc.). Pelo contrário, o que a investigação de Esposito intenta demonstrar é que temos *em comum* a própria *falta*, e isso nos faz comunidade.

Essa compreensão filosófica da comunidade retoma tópicos caros a uma filosofia que pensa o comum em confronto com a negatividade, pois faríamos uma experiência em comum antes de tudo e a partir de uma ausência. É por meio dessa investigação teórica que Esposito apresenta o conceito de “*ser-aí-com*” (*con-esservi*), traduzido segundo as ressonâncias heideggerianas do texto (lembrando que, em italiano, a tradução consagrada de *Dasein* é *esservi*).<sup>8</sup> Tal conceito sintetiza a leitura que Esposito faz da filosofia contemporânea, pois não apenas repisa o *Mitdasein* heideggeriano (ou ainda o *Mitsein*, o “ser-com”), mas lhe dá uma torção enquanto *vínculo*, enquanto o *meio* de uma subjetivação em que a alteridade figura como constituinte de seu espaço e de seu limite. Passa-se da espacialidade do mundo designada por um “em” (de “ser-em”, *In-Welt*) para a relação com outros por um “com”. Se o “ser-em” já ultrapassava o vazio de mundo da moderna filosofia da subjetividade, na qual um “eu”, um “sujeito” se encerrariam na representação, o “ser-com” ultrapassa um mundo vazio e a figura do outro, a pluralidade encarnada, ingressa como conformadora do aparecer na existência *com* os outros.

---

<sup>7</sup> CAMPBELL, “Política, imunidade, vida”, p. 63.

<sup>8</sup> ESPOSITO, *Termos da política*, p. 74.

Mais ainda, o “ser-aí-com”, essa existência em comum e pelo comum, encontra simetria em outro conceito-limite fundamental na filosofia de Esposito: o “nada-em-comum”, o qual constitui uma de suas contribuições mais originais e desafiadoras. A relação que aproxima ao redor de um *munus* é lugar da falta de próprio. A comunidade, da sua falta de próprio, faz aparecer uma disposição melancólica como um vórtice que se constitui como lugar de uma falta. Com isso, pode-se afirmar que a ideia de finitude, de um limite do horizonte diante da falta constitutiva, é como que o sentido da comunidade, ou melhor, é o *sentido* do limite da comunidade, e não a limitação de um sentido definido ou por descobrir. A comunidade, assim considerada, “não é nem uma origem, nem um *telos*, nem uma finalidade, nem um final, nem uma destinação, mas *a condição, ao mesmo tempo singular e plural, da nossa essência finita*”.<sup>9</sup> É pelo limite, pela falta, pela lacuna, portanto, que vivemos como “seres-aí-com”.

Onde a melancolia faz morada, porém, lá espreita o niilismo, uma vez que o niilismo, segundo Esposito, é uma duplicação da negatividade. Explico. A *communitas* significa que somos expropriados de qualquer pertença imediata, positiva, na qual tanto a posse quanto quem possui não encontram assento, pois em comum não há *algo*, mas a *falta de algo em comum* – implica um “menos” de subjetividade, uma relação com o outro que não constitui a si mesma como um novo sujeito. A falta que aproxima os membros da comunidade, criando entre eles uma relação por um *munus*, pode ser exposta conceitualmente no “nada-em-comum” que se instila nos limites, na base do “ser-em-comum” que constitui a comunidade enquanto um *ni-ente*, isto é, jogando-se com o vocábulo italiano *niente*, “nada”, verifica-se que “ela não é um ente. Nem um sujeito coletivo, nem um conjunto de sujeitos. É sim a *relação*, que não os faz mais serem tais – sujeitos individuais, porque interrompe a sua identidade com uma barra que os atravessa alterando-os: o ‘com’, o ‘entre’, o limiar sobre o qual eles se entrecruzam num contato que os reporta aos outros na medida em que os separa de si mesmos”.<sup>10</sup>

Ora, diante disso, o niilismo seria constituído como a experiência que tenta remover “a barra”, operando uma “abolição da distância” que, assim, apresentaria o nada em forma duplicada: haveria tanto (1) o nada da relação, o nada em comum, que podemos chamar “restitutivo”, pois “nos restitui da coisa na sua realidade profunda”, quanto (2) o nada da *dissolução* da relação, “subtrativo”, que “subtrai a coisa de nós” e do seu nada.<sup>11</sup> Se o primeiro significa encarar o nada de frente e ser capaz de nele habitar (o que traduziria a comunidade para Esposito), o segundo é a reação que se precipita sem mais no nada ou que tenta preenchê-lo.

Em síntese, o “nada-em-comum” seria condição do “ser-aí-com”, assim como só se poderia perceber que há um “nada-em-comum” como balizador da comunidade porque há um “ser-aí-com” capaz de localizar e experimentar essa falta como lugar-comum. O “ser-aí-com” sela a comunidade de uma falta, abre *uma comunidade* como *lugar* da experiência diante do negativo da falta. Trabalha-se aqui a filosofia política sem a possibilidade de um fundamento absoluto ou de uma essência do comum. Sendo a sua gramática uma experiência aberta a partir das nossas faltas, estas, convergindo no espaço comum, permitem experimentar *uma* vida, no que Esposito pretende retomar Gilles Deleuze.

---

<sup>9</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 94.

<sup>10</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 100.

<sup>11</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 106.

Aqui, portanto, encontra-se ainda um lugar para pensar as políticas de nossa época – entre a identidade e a diferença, entre a singularidade e a pluralidade – e compreendê-las nos seus limites. A potência dessa visão, e desses dois conceitos agregados, consiste em abrir a possibilidade de uma “biopolítica afirmativa”, se insistirmos nesses termos caros à filosofia de Esposito; ela possibilita pensarmos a experiência ético-política a partir de um conceito de comunidade plural e poroso, convergente na diversidade e atento, pois em relação de cuidado contra qualquer tentativa de dar um nome à falta, de, com isso, absolutizá-la e suprimi-la, isto é, atento contra as ameaças autoritárias que rondam a experiência política.

## IMUNIDADE

A imunidade aparece no trabalho conceitual de Esposito segundo a constatação de um “déficit”: Michel Foucault, em sua análise da biopolítica, não teria conferido suficiente destaque aos mecanismos regulatórios da gestão da vida em seu ambiente, na sua construção em resposta ao outro. Metáfora orgânica, é com ela que Esposito poderá desenvolver a própria ideia de biopolítica. Assim, se a comunidade expunha a relação, o colocar “com”, a imunidade significa, em sentido oposto, a *dispensa* do vínculo, a exoneração e isenção do *munus*.

Mas em que consiste o conceito de imunidade? Em síntese, ele “alude a uma situação particular que põe alguém a salvo dos riscos aos quais está exposta toda comunidade”;<sup>12</sup> tanto biológica quanto juridicamente é “uma forma progressiva de interiorização da exterioridade: trata-se da admissão controlada do germe comunitário que se quer neutralizar”.<sup>13</sup> Em relação de neutralização com o exterior, com o sentido da comunidade, a imunização implica uma assimilação do fora, do qual, na sua lógica, o organismo político deveria estar sempre protegido. Nesse sentido, as conformações mais dinâmicas e complexas da metáfora imunológica, ao articularem o “antígeno” (o fora) e o “anticorpo” (o dentro), acabam por apontar para uma regulação a partir do interior do próprio sistema imunitário.

A imunização representa a neutralização da *falta*, e não da pertença, da raiz, que são de fato elementos do seu sentido. Desta maneira, aprofunda-se o niilismo, compreendido, como vimos, como duplicação do nada, na medida em que deste se tenta extrair uma substância. Transforma-se o vínculo pela comum falta – a *communitas* – em um pertencimento pela criação de uma presença, na qual toda ideia e percepção do fora são pressupostas antes de qualquer contato; este, que era categoria da relação, agora se converte em base de temor, pois se confunde na semântica imunitária com a categoria do contágio, do risco de contaminação e do perigo.

A diagnose da expansão do dispositivo imunitário como resposta da biopolítica moderna representa, em primeiro lugar, a neutralização do fora na mesma medida daquela do dentro, pois faz coincidir a defesa e a proteção do organismo com a supressão da comunidade. De fato, imunidade e comunidade são categorias antitéticas no pensamento de Esposito. Em segundo lugar, ao efetivar um rearranjo da linguagem discursiva e da esfera das representações, evidencia que o vírus se tornou a “metáfora geral de todos os nossos pesadelos”;<sup>14</sup> das doenças infectocontagiosas aos incorpóreos

---

<sup>12</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 140.

<sup>13</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 117.

<sup>14</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 142.

vírus cibernéticos, verifica-se a extensão da metáfora ao virtual, na mesma medida, porém, em que os aparatos políticos conduzem à contenção material do externo, como no caso das recentes crises migratórias.

O dispositivo imunitário, estabelecido para proteger a vida, eleva sua atuação ao paroxismo sob a categoria onipresente da *segurança*. A determinação imunitária ao redor de “a vida” termina assim por negar a comunidade, isto é, a composição na diferença ao redor de *uma* vida. “A imunização em altas doses”, portanto, “é o sacrifício do vivente”.<sup>15</sup> Com isso, o mecanismo de proteção e segurança da vida converte-se na sua negação, realizando a “perversão da ideia de comunidade no seu oposto, naquilo que eleva muros em vez de abatê-los”.<sup>16</sup> O vírus e o muro, a ameaça de contágio infeccioso e o alijamento, tornam-se palavras-chave do discurso político, instrumentos pelos quais políticas são concretizadas ou não segundo critérios eminentemente negativos, sobre os quais se torna praticamente impossível relacionar-se com um fora e constituir-se ao redor de um *munus*.

Como pensar o vocabulário político moderno à luz dessas considerações? Ou melhor, qual o estatuto das categorias e termos funcionais da política moderna, diante da crítica da instituição disruptiva da imunidade sobre a comunidade? *Termos da política* traz o desafio de pensar as categorias políticas além das derivações de significação de modo a reconduzi-las ao seu “sentido de fundo”, delimitando-as criticamente em relação à tradição na qual se encontram a partir de uma tomada de posição quanto a *limites*. “Todo conceito político”, segundo um princípio que a filosofia de Esposito elabora, “tem uma parte iluminada, imediatamente visível, mas também uma zona escura, um cone de sombra do qual somente por contraste aquela luz irrompe”.<sup>17</sup> Pode-se dizer que o conceito político é composto como *chiaroscuro*: ele tem componentes explícitos, que traduzem a superfície da luminosidade, e elementos menos visíveis, constituídos como sombras que fazem parte da composição; como uma imagem de mundo, apresenta-se em luzes e sombras cuja dificuldade para o pensamento reside no colocar-se em relação com cada tempo no qual se constitui a própria figuração. Daqui, traduz-se a “tentativa, nada fácil, de identificar as palavras-chave, os paradigmas em torno dos quais se estruturam as coordenadas históricas de certo momento histórico” e o encaminhamento da questão vital que o trabalho de Esposito articula: “quais são os conflitos, os traumas, os pesadelos – mas também as exigências e as esperanças – que caracterizam o nosso tempo de maneira profunda?”<sup>18</sup>

## BIOPOLÍTICA

Com a falência da semântica política moderna, a insistência no quadro global que lhes dá inteligibilidade produz um “efeito de dissimulação”, com o qual o “plexo inteiro das categorias políticas modernas, baseado na bipolaridade entre direitos individuais e soberania estatal” revela-se como um “léxico que acaba por esconder por trás da própria cortina semântica qualquer coisa de diferente, outra cena, uma outra lógica”.<sup>19</sup> O problema do corte histórico dos termos da política é apresentado com os seus percalços, ao menos naquilo que diz respeito às tentativas de periodização dos conceitos, dos dispositivos e das práticas. É pelo conceito de biopolítica que Esposito

---

<sup>15</sup> ESPOSITO, *Termos da política*, p. 143.

<sup>16</sup> ESPOSITO, *Termos da política*, p. 121.

<sup>17</sup> ESPOSITO, *Termos da política*, p. 128.

<sup>18</sup> ESPOSITO, *Termos da política*, p. 140.

<sup>19</sup> ESPOSITO, *Termos da política*, p. 154.

compreende o cruzamento histórico entre as categorias e as experiências da vida e da política – que não são apenas sobrepostas, mas implicadas essencialmente uma na outra, uma pela outra – e a quebra entre a modernidade e o presente. Se, na sua leitura, a primeira modernidade correspondeu a uma mediação entre política e vida baseada num *paradigma da ordem*, no qual, entre os séculos XVI e XVIII, categorias políticas como soberania e representação adquiririam sua plena inteligibilidade; por sua vez, uma segunda modernidade, caracterizando as raízes de nossa época, teria realizado uma radical sobreposição entre política e *bíos*. O avanço desse cruzamento implicou a passagem de uma “política da administração da vida biológica” para uma política de intervenção sobre a vida, que se torna suscetível de decisão quanto a seus limites externos e internos.<sup>20</sup> Ou seja, trata-se de uma vida que é gerida, como vimos, pelo *paradigma da imunidade*.

A ruptura com a tradição política fundadora da modernidade consiste em colocar a vida biológica como objeto a ser visado pela política e como fundamento a ser conservado a qualquer custo segundo dispositivos de imunização. Ao insistir que a biopolítica teria mesmo inventado a modernidade, Esposito argumenta que a radicalização da biopolítica pelos dispositivos de imunização teria efetivado uma ruptura com as próprias categorias que instauraram o léxico do pensamento político moderno. Se Hobbes e a tradição política que lhe sucedeu indicam uma centralização da política na vida, a radicalização dos processos em jogo acabou por descentrar a pertinência explicativa das categorias fundadoras enquanto *mediações*. Assistiu-se, assim, ao seu progressivo esvaziamento, movido e sustentado pelas práticas da política que, de início, essas categorias auxiliaram a instalar, dando-lhes base na linguagem e no pensamento e articulando-as como discursos, uma vez que é o próprio “encontro, a solda, entre política e vida [que] coloca para fora do jogo todas as tradicionais mediações teóricas e institucionais, a começar pela categoria de representação”.<sup>21</sup> Com isso, a necessidade de pensar os termos da política diante de uma nova configuração do mundo conduziu à crítica das categorias tradicionais e à construção de um novo vocabulário, ainda mais que “a questão da vida hoje se conjuga com [a] questão do mundo”.<sup>22</sup>

A biopolítica imunizada tende a aumentar o escopo da proteção da vida e, na mesma medida, ameaça-a integralmente, já que o horizonte de uma vida possível se confunde com as condições de emergência não somente de um mundo possível, mas do mundo efetivo enquanto circunstância de florescimento do viver: “O mundo, o mundo inteiro, a sua vida, é unido num único destino: ou encontrará o modo de sobreviver todo junto, ou perecerá todo junto”.<sup>23</sup> Insisto nessa relação entre vida e mundo como conexão que precisa ser evocada e explorada como campo de condições para o pensamento e para a ação: retirado de fenomenologias suspeitas, o mundo aparece “como unidade de diferenças, como sistema de distinções” no qual “as diferenças se tornem o que nos mantém unidos”, inclusive como plano do sentido do fenômeno vida.<sup>24</sup>

Diante desse desafio de escapar da falência e da dissimulação categorial, o conceito de vida é apresentado segundo parâmetros conceituais que a fazem ser pensada – gerida, trabalhada, transformada – biopoliticamente tanto em formas negativas, segundo a gramática imunitária exercida *sobre* a vida, quanto em formas afirmativas que acenam para a vitalidade existente na diferença e na

---

<sup>20</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 157.

<sup>21</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 174.

<sup>22</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 160.

<sup>23</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 160.

<sup>24</sup> ESPOSITO, Termos da política, p. 146.

pluralidade. Esposito busca pensar a vida “como um conjunto unitário através das suas diferentes formas”, ao invés de segregá-la em categorizações influenciadas pela oposição entre autêntico e inautêntico. Busca, ainda, isolar aqueles que seriam os mecanismos pelos quais se tentou blindar a vida de quaisquer ameaças, a exemplo dos dispositivos e discursos que movimentam os terrorismos e a xenofobia, imunizações que traduzem uma visão da política cujas afecções são calcadas no medo e na reatividade. Se a tendência negativa da imunização é dominante, não é um horizonte incontornável para pensar a relação da vida com os seus limites.

Diante deste breve itinerário, nota-se um esforço dedicado a compreender e ultrapassar um pensamento político-filosófico limitado por um horizonte negativo saturado de promessas inconclusas. Os termos da política não estão apenas implicados entre si. Além da inflexão própria que se confere a cada termo, é o modo da composição entre eles o que caracteriza a pesquisa filosófica de Esposito, a sua gramática expositiva e a sua semântica conceitual. Trata-se, enfim, de acompanhar uma genealogia dos conceitos marcada pelo cuidado com o qual mapeia os efetivos problemas que definem uma quadra histórica e os afetos que os conduzem.